

# AS DIMENSÕES ÉTICA E EMOCIONAL NA FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DO PROFESSOR

## THE ETHICAL AND EMOTIONAL DIMENSIONS IN THE TEACHER'S IDENTITARY FORMATION

Vitória Régia de Oliveira Moura Morais 1  
Sheyla Maria Fontenele Macedo 2

**Resumo:** Com base no paradigma interpretativo fenomenológico, o presente artigo discorre sobre as dimensões ética e emocional na formação identitária do vir a “ser professor”. A pesquisa é de natureza qualitativa e de revisão bibliográfica. Para tal, realizou-se um desbravamento epistemológico sobre as dimensões ética e emocional no corpo da formação da identidade docente, de modo a compreender a ética como atitude reflexiva sensível, e as emoções e os sentimentos como “bússolas” na orientação do percurso sensível a ser percorrido pelo professor no curso de sua profissão. O trabalho tem por objetivo identificar o “espaço” dimensional que a ética e o campo emocional ocupam na formação identitária do professor. Como resultados pontuamos que a ética e as emoções são dimensões que interagem em simultâneo nas esferas pessoal e profissional, e que tais dimensões compõem, juntas, uma espécie de “tinteiro identitário”.

**Palavras-chave:** Profissão docente. Formação identitária. Emoção. Ética profissional.

**Abstract:** Based on the phenomenological interpretive paradigm, this article discusses the ethical and emotional dimensions in the identity formation of the “becoming a teacher”. The research is of a qualitative nature and of a bibliographical review. To this end, an epistemological breakthrough was made on the ethical and emotional dimensions in the body of the formation of the teacher's identity, in order to understand ethics as a sensitive reflective attitude, and emotions and feelings as “compasses” in the orientation of the sensitive path to be followed by the teacher in the course of his profession. The work aims to identify the dimensional “space” that ethics and the emotional field occupy in the teacher's identity formation. As a result, we point out that ethics and emotions are dimensions that interact simultaneously in the personal and professional spheres, and that these dimensions together compose a kind of “inkwell of identity”.

**Keywords:** Teaching profession. Identity formation. Emotion. Professional ethics.

---

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Humanas da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN/RN, Câmpus Pau dos Ferros. Graduada em Psicologia pela UNIFIP (Patos – PB).  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5497643928208027>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0040-7607>. E-mail: [vitoriaregia.psic@gmail.com](mailto:vitoriaregia.psic@gmail.com) | 1

Doutora em Educação pela Universidade de Lisboa (Portugal).  
Professora na graduação e no Programa de Pós Graduação em Ensino da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN/RN. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2831818752802928>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7973-4773>. E-mail: [sheylafontenele@uern.br](mailto:sheylafontenele@uern.br) | 2

## Introdução

A profissão docente exige uma formação profissional complexa, especialmente quando adentramos à esfera do contexto identitário. Para Day (2004) é essencial que os professores tenham um claro entendimento da identidade de modo a saber quem são, sob que circunstâncias ensinam, os sentidos que atribuem e que são atribuídos por terceiros à imagem do que significa “ser professor”, especialmente nos dias de hoje. Em outras palavras: “[...] um senso de identidade pessoal e profissional, intelectual, social e emocional está no núcleo de ser professor” (DAY, 2004, p. 44). Para a compreensão de como esse núcleo se forja, buscamos trazemos à tona duas temáticas pertinentes: as dimensões ética e emocional e seu imbricamento na formação identitária do professor. Já de início, é necessário reconhecer que esses são domínios do conhecimento que precisam ser trazidos à esfera dos debates educacionais, especialmente no que se refere ao espaço formativo. Há tanto o que é preciso saber sobre as emoções do professor, assim sobre como este campo é afetado pela ética e vice-versa. São inúmeros os questionamentos que se encontram epistemologicamente em aberto e que envolvem a experiência pessoal-profissional docente. No que se refere ao campo das emoções, perguntaríamos: Quais as emoções que envolvem o saber-fazer do professor? Como essas emoções o afetam? O que faz um professor para sentir-se realizado na profissão? Como o professor se sente enquanto “professor”? Que sentimentos entrega e recebe a partir da prática educativa? O que particularmente desperta a atenção e a sensibilidade no curso de sua carreira?

E ao pensarmos sobre a ética, é a partir dela que ancoramos as mais profundas reflexões sobre nossa identidade: Quem sou eu enquanto professor e qual caminho devo seguir? Quais os princípios e valores éticos se pretende adotar no curso da vida pessoal-profissional? Como se sente diante de certo dilema ético da profissão?

Como desfecho reflexivo, podemos ainda complementar: Como são as experiências éticas que vive um professor e como são interpenetradas pelas emoções? A ética e as emoções se interlaçam no cotidiano das práticas docentes? Como todo este arcabouço interfere na prática docente?

Naturalmente que este artigo não se propõe a responder todo este elenco de perguntas, mas denota o quão ainda estas dimensões precisam ser vasculhadas, investigadas, examinadas. E de forma pontual, limitamos nossa pesquisa à seguinte problemática: Qual o “lugar” das dimensões ética e emocional na formação identitária do professor?

Este trabalho é parte da dissertação de mestrado em construção, de título “As dimensões ética e emocional na profissão docente: aproximações e enlaces”, do Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), do Campus Avançado de Pau dos Ferros (CAPF), ofertado em parceria com a Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA) e com o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN).

A investigação é de natureza qualitativa, fundamentada na pesquisa bibliográfica. Tem o objetivo de identificar o “espaço” dimensional que a ética e o campo emocional ocupam na formação identitária do professor. Para alcançar esse fim, o trabalho foi organizado em quatro seções, em que na primeira nos debruçamos sobre os contextos de identidade e identidade profissional, e nos pautamos principalmente nos contributos teóricos de Kaufmann (2005), Ciampa (1989), Dubar (2009), Brzezinski (2002) e Nóvoa (2009).

A segunda seção é marcada pelas discussões sobre a ética, a partir dos estudos de Ricoeur (1990) e Macedo (2018a, 2018b).

No terceiro momento discute-se sob a dimensão emocional, com base no olhar filosófico das concepções teóricas de Solomon (2015).

A quarta seção se concretiza a partir dos enlaces e das primeiras aproximações entre a ética e a dimensão emocional na formação identitária do professor, em que se buscou dialogar prioritariamente com Solomon (2011, 2015) e Macedo (2018a, 2018b).

No trabalho há inúmeras questões emblemáticas trazidas à luz, e reflexões que nos remetem especialmente a pensar sobre os elementos, fatores e processos que interferem na história identitária dos professores e que contribuem para o sentimento de “pertencimento” à profissão, e que se caracteriza como um dos pontos fundamentais à formação da identidade

profissional.

Para Nóvoa (1999), a maneira de ser e de ensinar está diretamente relacionada com aquilo que somos como pessoa quando estamos exercendo o ensino. Assim, compreendemos que ao entrarmos em “sala de aula” estamos lá por “inteiro”, em um uníssono que inclui tudo aquilo que “somos”, em dimensões ética, emocional, individual, coletiva, etc. As identidades pessoal e profissional são, portanto, parte de um mesmo “tecido”, e por isso não podem ser dissociadas da prática do professor.

Dessa forma, as “linhas” sob as quais escrevemos uma história profissional estão preenchidas das mais diversas compreensões relacionadas às emoções, aos sentimentos e aos valores éticos que carregamos, àquilo que nos toca profundo o suficiente a ponto de compor a narrativa que protagoniza o “ser professor”. Assim, aquilo que é sentido perpassa pela esfera avaliativa do que importa para o “si”, configurando-se justamente naquilo que se escolhe “carregar”, e que diferencia uma pessoa da outra, um professor dos demais, e que nos identifica como únicos, singulares e imprescindíveis.

Desse modo, podemos destacar como resultado pontual desse trabalho, a compreensão da ética, como a força que sustenta as “costuras identitárias” e que também estão entrelaçadas à dimensão emocional, já que percebemos o mundo a nossa volta pela esfera da sensibilidade.

### **A identidade da pessoa do professor: entre o “tecer” e o “ser tecido”**

Dubar (2005, 2009, 2015) revela em suas pesquisas que a identidade docente está atrelada a inúmeros fatores, dentre eles aquilo que o profissional acredita ser a sua profissão. Neste sentido, existem inúmeros vocábulos que se *linkam* e definem o ofício docente. Razão pela qual incorporamos as seguintes reflexões sobre o termo *professor*. Compreendemos que o professor ancora a competência do “ser educador”. Neste sentido, o uso do termo educador nos remete a um “professor-educador”, que de modo implícito, incorpora os sentidos didáticos, técnicos, científicos da profissão, mas ainda uma compreensão humanista do educar, alicerçada em uma base afetiva, sensível, ética, de modo a priorizar as realidades humanas e sociais, ou seja: “[...] a prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico [...]” (FREIRE, 1996, p. 73).

Em busca dos fundamentos para o nosso percurso epistemológico, tomaremos mão de alguns conceitos de identidade presentes na Psicologia, na Filosofia e na Sociologia, respectivamente nas perspectivas de Ciampa (1989), Solomon (2011) e Dubar (2009).

Para Ciampa (1989), o reconhecimento de si está vinculado ao reconhecimento do outro. Segundo esse autor, o conhecimento de si é fruto da identificação recíproca, em que eu reconheço o outro e o outro me reconhece, me diferencia, dentro de um determinado contexto social.

O autor ainda explica que,

[...] o conhecimento de si é dado pelo reconhecimento recíproco dos indivíduos identificados através de um determinado grupo social que existe objetivamente, com sua história, suas tradições, suas normas, seus interesses, etc. [...] A identidade passa a ser entendida como o próprio processo de identificação [...] Cada posição minha me determina, fazendo com que minha existência concreta seja a unidade da multiplicidade, que se realiza pelo desenvolvimento dessas determinações. Em cada momento de minha existência, embora eu seja uma totalidade, manifesta-se uma parte de mim como desdobramento das múltiplas determinações a que estou sujeito. (CIAMPA, 1989, p. 67-70).

É possível perceber a dinamicidade presente no processo de formação identitária e no quanto as mudanças que surgem estão diretamente relacionadas com a história de vida desses indivíduos, o seu lugar, o seu contexto sócio-histórico-cultural, e as escolhas profissionais que

fazem ao longo do caminho.

A partir da perspectiva filosófica acerca da identidade, destacamos o contributo de Solomon (2011), que define a identidade pessoal não apenas como as próprias questões do “eu”, mas também no que diz respeito ao outro e ao lugar que pertence.

Portanto, o autor destaca que:

[...] a identidade pessoal não é apenas a questão de quem se é (como ser corporalizado com pensamentos, sentimentos e lembranças). É uma questão muito mais ampla de quem nós somos, em que “nós” refere-se a qualquer número de grupos aos quais pertencem e com os quais nos identificamos, incluindo os que insistem na história de que somos todos indivíduos independentes. (SOLOMON, 2011, p. 294, grifos do autor).

Já o conceito de identidade sob o ângulo sociológico, na perspectiva de Dubar (2009), ressalta o paradoxo daquilo que é único, mas também partilhado; que faz com que o indivíduo seja parte de algo, mas ao mesmo tempo, tenha sua singularidade.

A identidade não é o que permanece necessariamente “idêntico”, mas o resultado de uma “identificação” contingente. É o resultado de uma dupla operação linguageira: diferenciação e generalização. A primeira é aquela que visa a definir a diferença, o que constitui a singularidade de alguma coisa ou de alguém relativamente a alguém ou a alguma coisa diferente: a identidade é a diferença. A segunda, é a que procura definir o ponto comum a uma classe de elementos todos diferentes de um mesmo outro: a identidade é o pertencimento comum. Essas duas operações estão na origem do paradoxo da identidade: o que há de único é o que é partilhado. (DUBAR, 2009, p. 13).

Desse modo, para “ser quem sou”, não consigo ser sozinho, preciso do outro. Para ser professor, necessito estar inserido no processo de socialização. Logo, falar de identidade é falar de relações, de histórias, onde o “quem sou eu”, está profundamente relacionado com “quem é o outro”, e com “quem eu sou para o outro”, encontrando resposta sobre a minha identidade ao passo que outro me reconhece e eu o reconheço.

O indivíduo tem cada vez mais escolha face a papéis múltiplos. Mas em relação a um papel determinado, ele deve também envolver-se de forma pessoal, nomeadamente escolhendo uma identidade, ou seja, uma imagem de si mesmo, entre toda uma gama de outras possíveis (...) consoante a escolha, a identidade proposta será confirmada ou sancionada pelos outros. (BURKE; STETS; 1999 *apud* KAUFMANN 2005, p. 67, grifos nossos).

Sob tal perspectiva, é possível compreender que a pessoa-professor tem a sua identidade resultante de uma alquimia complexa e contínua de experiências, emoções, certezas e escolhas, de modo que conversar sobre esse tema é algo envolve várias dimensões.

Do exposto, e ao nosso ver, o terreno identitário pode ser comparado a um “mosaico interno”, único e constituído por várias peças, ou seja, pelos vários papéis exercidos. Assim, a

identidade é formada e forjada com base nas “partes” que a constituem.

Entendemos a identidade como o conjunto dos diversos papéis que desempenhamos e como eles se influenciam mutuamente de forma profunda e significativa, onde, a cada movimento, a cada mudança, temos combinações variadas que são próprias desses elementos, não sendo possível observar o mesmo arranjo em um outro lugar, como de modo “caleidoscópico”.

As dimensões ética e emocional constituem a parte da identidade individual. O que nos diferencia do outro é, em parte, o modo único de sentir, de expressar sentimentos, de priorizar determinados valores, de nos apresentar para o mundo.

A identidade se incrementa a partir de múltiplas interações, quer seja no trato consigo ou com outros indivíduos, dentro de um grupo ou de um coletivo social e laboral. Essa identidade é resultado do caráter intersubjetivo da identidade, à medida que, para se diferenciar dos demais, deve ser reconhecida pelos outros (ALCALÁ; DEMUTH; QUINTANA, 2014).

Desse modo, ao tratar sobre identidade estamos falando sobre um processo que une, que interliga a história de vida e as experiências do indivíduo, tanto na esfera pessoal como profissional. A cada vivência, eu me distancio de algo ou me aproximo de algo, me identifico com um determinado ponto e me distancio daqueles que não refletem quem sou, assim “[...] cada indivíduo encarna relações sociais configurando uma identidade pessoal, uma história de vida, um projeto de vida” (CIAMPA, 1993, p. 127).

Para Brzezinski (2002), a construção da identidade perpassa o individual e o coletivo. A identidade individual está ligada à história e à experiência pessoal. Já a identidade coletiva é uma construção social que acontece no interior dos grupos e das categorias sociais. É na identidade coletiva que se configura a identidade profissional e essa abarca a dimensão da experiência pessoal, do sentimento de pertencimento a uma comunidade, da trajetória de aprendizagem e dos diversos pertencimentos a grupos diferenciados (BRZEZINSKI, 2002).

A identidade profissional “múltipla” articula-se a partir de dois processos identitários, pelos quais se forma a identidade coletiva: a junção da identidade pessoal e da identidade social. Desse modo, a identidade coletiva pode ser compreendida como produto de sucessivas socializações, do sujeito para com ele e dele para com o mundo (BRZEZINSKI, 2002), ocorrendo de maneira dinâmica (MACEDO; CALDAS; FONTES, 2015).

Uma alternativa para nos aproximarmos da identidade, mesmo envolvendo uma multiplicidade de fatores, é por meio das ações (MACEDO; CALDAS; FONTES, 2015). Segundo Brzezinski (2002), um dos pressupostos para a construção da identidade docente tem como suporte teórico-metodológico o desenvolvimento dos processos de reflexão sobre a prática do professor.

Adentramos na temática identidade profissional docente a partir de Nóvoa (2009) que destaca os elos entre as dimensões pessoais e profissionais, estão no cerne da identidade docente, de modo que a identidade profissional se forma no interior de uma “pessoalidade do professor” (NÓVOA, 2009, p. 3, grifos do autor).

A identidade do profissional professor é mutável, dinâmica, e surge de um contexto histórico como resposta às necessidades postas pelas sociedades, não sendo estática, e não é externa de tal forma que possa ser adquirida. Desse modo, o caráter dinâmico da profissão docente só tem razão de ser na medida em que ela é considerada como uma prática social (BRZEZINSKI, 2002).

Nesse sentido, Kaufmann (2005) aponta que uma pessoa pode desempenhar um papel social específico, de acordo com o “palco” em que desenvolve o seu *script*. Dessa forma, a identidade se dá de modo contextual e é preciso considerá-la como um processo que envolve a reflexão.

É importante identificar que os processos identitários se desenham ainda a partir da relação intrínseca entre os pensamentos e os sentimentos. Sobre esta questão, constatamos ainda que a ética se materializa a partir da aliança entre o pensar e a zona em que o sentir se configura. Ou seja, quando nas diferentes experiências que medeiam o cotidiano se pondera sobre algum parâmetro, um valor ético se produz. Um exemplo prático: o contrato assumido pelo professor com a aprendizagem do aluno, o remeterá a inúmeros saberes e fazeres, e a incontáveis reflexões, movimentos no terreno do pensar, na esfera das emoções, dos senti-

mentos, e que por sua vez, forjará um “compromisso ético” (MACEDO, 2018a).

Mas afinal, como um professor se constitui professor? De que forma ele vai se modificando, aperfeiçoando a sua prática, compreendendo a si mesmo enquanto professor? Para Tardif (2002), os saberes docentes perpassam a identidade profissional docente. Desse modo, na “bagagem” do professor estão presentes os saberes experienciais, curriculares, disciplinares, profissionais, oriundos da formação profissional e do saber cultural. Esses saberes não se sobrepõem, mas complementam a prática. De modo especial, gostaríamos de lançar um olhar para os saberes advindos da experiência do trabalho cotidiano, que segundo Tardif (2002), embasam a prática e a competência profissional, incorporando a experiência individual e coletiva sobre a forma de hábitos e de habilidades de saber, saber-fazer e de saber-ser.

Diante dessa perspectiva, a identidade do professor está profundamente relacionada ao seu fazer diário, afinal, “[...] o trabalho modifica a identidade do trabalhador, pois trabalhar não é somente fazer alguma coisa, mas fazer alguma coisa de si mesmo, consigo mesmo” (TARDIF, 2010, p. 56). Além disso, “[...] particularidades como individualidade, sensibilidade, ética, emoção, afetividade estão no repertório dos saberes profissionais dos docentes”. (SOARES; VASCONCELOS, 2016, p. 804).

Assim, exercer o ofício de uma profissão é de algum modo se permitir “ser trabalhado”, ser “polido”, não apenas efetivar práticas docentes, mas “*ser feito*”, esculpido, à medida de seu saber-fazer. Então, cada palavra acrescentada na história de vida profissional reflete nas linhas vitais mais íntimas, sendo escrita e marcada na identidade docente, naquilo que é singular e próprio do profissional, mas ao mesmo tempo compartilhado.

Se uma pessoa ensina durante trinta anos, ela não faz simplesmente alguma coisa, ela faz também alguma coisa de si mesma: sua identidade carrega as marcas de sua própria atividade, e uma boa parte de sua existência é caracterizada por sua atuação profissional. Em suma, *com passar do tempo*, ela vai-se tornando – aos seus próprios olhos e aos olhos dos outros – um professor, com sua cultura, seus *ethos*, suas ideias, suas funções, seus interesses, etc. (TARDIF, 2010, p. 56, grifos do autor).

Dessa maneira, um professor desde a sua formação, nos contatos, nas trocas com os colegas, professores e com os seus alunos durante os estágios supervisionados, vai internalizando novos modos de ser, vai inspirando e sendo inspirado, vai (des) construindo, vai “tecendo” e sendo “tecido” a cada experiência.

Quando adentramos no universo docente e lançamos um olhar sobre a formação de sua identidade profissional, é possível identificar a presença da dimensão ética ocupando o “lugar de coluna” de sustentação. À medida que a identidade profissional é construída, a ética serve de “prumo” para alinhar as decisões pessoais com as decisões profissionais. Já o “lugar” ocupado pela dimensão emocional na formação da identidade docente está vinculado à evolução sensível do “ser” professor, que acontece em um movimento simultâneo de mudança na esfera individual e na esfera profissional.

## A ética guiando a identidade do ser professor

Os desafios constantes que permeiam a profissão docente também estão relacionados aos dilemas éticos suscitados no dia-a-dia da profissão. Dessa maneira, aquilo que alcança o campo da ética, também está intrinsecamente ligado à identidade docente, tecendo as escolhas, a história e a vida do ser professor.

Ricoeur (1990) esclarece a diferença entre ética e moral, já que ambas remetem à ideia de costumes (*ethos, mores*). Para esse autor, a ética seria “[...] uma vida consumada sob o signo das ações estimadas como boas, e o de “moral” para o aspecto obrigatório, marcado por normas, obrigações, e interdições caracterizadas simultaneamente por uma exigência de

universalidade e por efeito de coerção”. (RICOEUR, 1990, p. 04, grifos do autor).

Ricoeur (1990) ainda destaca a primazia da ética sobre a moral. E é baseado nessa premissa que seguiremos nossas reflexões, tocando especialmente a dimensão ética.

Para guiar o nosso trajeto teórico, alinharemos com Macedo (2018b) quanto à sua definição de ética. Para a autora, a ética é uma “reflexão sensível” que se faz a partir de um bem pensar, sentir, falar, fazer e agir, de modo que o processo de humanização se dá dentro da ética e não fora dela. Ela defende “[...] uma ética baseada na postura reflexiva consciente e na sensibilidade ética, na *práxis*, capaz de determinar o melhor caminho para as tomadas de decisões que exijam uma consistência na seleção de valores” (MACEDO, 2018a, p. 478).

Macedo (2018a) traz o conceito de uma ética humanista, destacando que,

[...] a ética incorpora o “ser”. Nesse sentido destacamos duas dimensões, a de existir, como causa primeira (do ser ou não ser), e a identidade, que se constrói a partir dessa primeira causa e das vivências e experiências vividas no mundo. [...] Nesse sentido, conceituamos a ética como uma dimensão “medular”, estruturante e integradora dessa mesma configuração humana. Inclusive, é a ética a que desenvolve os contornos ao caráter de uma pessoa, ou como diria a sabedoria do senso comum: “fulano tem caráter, logo é ético” [...] a ética subsidia e cria as bases para a formação da identidade, quer seja no campo pessoal ou social. (MACEDO, 2018a, p. 50, grifos da autora).

Na intenção de definir as bases da ética humanista sob a qual se assenta a ética profissional, Macedo (2018b) cria o quadro seguinte para apresentar perspectivas inovadoras no campo da ética, forjando não apenas o termo, mas também apontando um percurso a ser seguido (Quadro 01).

**Quadro 01.** Concepção sobre Ética Humanista

<b>ÉTICA HUMANISTA</b>	
<b>Concepção de ser humano</b>	Hierarquização do ser humano mediante o compromissar-se com a construção de uma rota de vida que colabore para a própria evolução, da humanidade em geral e do mundo em que vive, respeitando-se e reconhecendo-se como parte da história coletiva, tomando o bem consciente como ferramenta para alcançar a <i>práxis</i> ética.
<b>Visão de Mundo</b>	Priorização da vida em todas as suas formas de manifestação, preservando a condição da diversidade, compreendendo e respeitando as “diferenças” como valor de cada pessoa, de cada ser vivente, de cada vida no planeta.
<b>Deontologia</b>	Valorização do bem-estar social de todos sob a ótica do desenvolvimento da responsabilidade e sob o incremento de uma razão e de um pensar sensíveis – pensar o que sente, sentir o que pensa (PECOTCHE, 1996) – estabelecendo a liberdade e a dialogicidade como princípios <i>másters</i> na construção de direitos, deveres, normas e regras de conduta.

<b>Axiologia</b>	Construção consciente do que há de mais positivo na natureza humana, tais como os valores da justiça, da amizade, da tolerância, da responsabilidade, alteridade, ipseidade, resiliência, etc., dentre outros que dignificam a vida.
------------------	--

**Fonte:** Macedo (2018b, p. 106).

Assim, a ética pode ser compreendida como a estrutura-base de sustentação da pessoa, de modo a estar profundamente incorporada no ser e ancorada na sua identidade, ressoando, seja na esfera pessoal, seja na esfera coletiva. De tal modo, a ética pessoal reflete na ética profissional, visto que para resolver os diferentes dilemas éticos encontrados do cotidiano escolar, o professor tomará como base não apenas os seus valores éticos profissionais, mas fundamentalmente, os seus valores éticos pessoais.

Sobre essa questão, Macedo (2018b) ainda destaca alguns enlaces existentes entre a ética e a identidade ao ressaltar que,

[...] a identidade não é um processo do “eu-comigo”, pois eu me identifico no outro e a partir do outro. Logo a identidade seria também um princípio de alteridade, pois o que há de único em mim, é exatamente aquilo que partilho. Dessa forma, assumimos que o “eu” é parte de um “somos”, e de que a ética se forja também nos encontros e desencontros, pois todo desencontro é em si uma forma de se autoconhecer. Portanto, onde passamos deixamos um pouco deste “perfume identitário” no ar. (MACEDO, 2018b, p. 60, grifos da autora).

Percebemos então que Macedo (2018a, 2018b) alinha com Dubar (2009), ao compreender a identidade como um processo contínuo, que entrelaça a esfera do eu e do outro. A autora ainda destaca que a ética ocorre nesse interim, no contato com o outro e consigo, refletindo em um processo de autoconhecimento.

Sob perspectiva semelhante, Veiga, Araujo e Kapuziniak (2008) compreendem a ética profissional como fruto de uma consciência social presente nas diversas profissões. Desse modo, refletir sobre ética profissional é contribuir com o processo identitário do indivíduo, que continuará a se configurar eticamente na sociedade.

Desse modo, encontramos um espaço na formação da identidade do professor em que a ética faz “morada” e que está intimamente relacionado com a percepção de si, enquanto pessoa e professor.

Na trama das relações sociais de seu tempo, os indivíduos que se fazem professores vão se apropriando das vivências práticas e intelectuais, de valores éticos e das normas que regem o cotidiano educativo e as relações no interior e no exterior do corpo docente. Nesse processo, vão constituindo seu “ser profissional” [...] (OLIVEIRA; BERTOLO; MESCOUTO; VILHENA, 2011, p. 243).

Assim, é possível reconhecer a “[...] natureza ética da prática educativa, enquanto prática especificamente humana” (FREIRE, 1996, p. 10) e perceber a influência da ética na identidade profissional, ao passo que “[...] saber quem somos, o que somos, o que desejamos ser, implica em acionar caminhos éticos pessoais, e nessa perspectiva, daquilo que o ser possa tecer eticamente acerca de si, e a partir de sua história”. (MACEDO, 2018a, p. 59).

Nessa perspectiva, a história identitária do professor é fortemente marcada pela dimensão ética. As escolhas realizadas em cada situação em que o docente se encontra, é um reflexo



dos caminhos que este percorre, da “bagagem” que carrega e de como compreende quem é e o que almeja ser. A ética é, portanto, e ainda, a dimensão do saber acerca de si, e do que se pode vir a ser.

### **A dimensão emocional na formação identitária do professor**

Alinhamos com Solomon (2015) quando este define que uma experiência emocional é um complexo de muitas experiências, sensações, pensamentos, sentimentos e reflexões sobre as emoções. Para Solomon (2015) “[...] as emoções são engajamentos com o mundo” (p. 326), ou seja, são entendidas sob a perspectiva filosófica, pois busca a compreensão de como as emoções se inserem e funcionam na vida do ser humano.

Solomon (2015) adota uma compreensão ampla do que é a emoção, e deixa claro que essa dimensão pode ser compreendida sob várias óticas, a exemplo da contribuição da neurociência acerca dos substratos neurológicos da emoção; ou a história evolutiva das emoções, enfoque das ciências sociais, e também se interessa sobre a “inteligência de uma emoção” (p.326), isso porque:

[...] as emoções nos proporcionam *insight* e entendimento, as maneiras pelas quais as emoções dão forma a nosso mundo, as maneiras que tornam as emoções estratégias por meio das quais manipulamos e administramos nosso mundo, e as maneiras pelas quais somos responsáveis por nossas emoções. (SOLOMON, 2015, p. 326).

Existe um interesse cada vez maior sobre o papel das emoções nas relações humanas que se estabelecem no campo do ensino (NIAS, 1996; HARGREAVES, 1998; ZEMBYLAS, 2003; DAY, 2004). No tocante à formação da identidade docente, a dimensão emocional possui papel crucial (HARGREAVES, 1998; ZEMBLYAS, 2003). Ela perpassa a estrutura do “eu professor”, através das interações sociais que os professores têm em um determinado contexto pessoal, sociocultural, histórico e institucional. Compreender a identidade profissional docente requer conectar-se também com o emocional do professor. Desse modo, há uma preocupação emergente com o papel da emoção na formação da identidade (ZEMBLYAS, 2003).

Monereo e Badía (2011) identificaram três dimensões relevantes da identidade profissional. Uma delas é a dimensão emocional da docência, ou seja, as representações dos sentimentos associados de modo que os aspectos emocionais estão cada vez mais relacionados com a identidade profissional. As outras dimensões são as representações sobre o ensino e a aprendizagem, e acerca da profissão.

Zembylas (2003), ao estudar a influência das emoções na construção da identidade do professor sob uma perspectiva pós-estruturalista, discute o lugar da emoção na formação da identidade, a partir de dois pontos de vista. Primeiro, defende que a formação da identidade docente é, no fundo, afetiva e segundo, que uma investigação dos componentes emocionais da identidade do professor permite uma compreensão de como as emoções dos professores podem se tornar locais de autotransformação.

É por esse motivo que as emoções devem ser conhecidas, compreendidas e interpretadas, pois indicam metas, motivações, temores, o modo como agimos frente aos acontecimentos, de forma que, ao experimentarmos tais sentimentos, é possível compreender como somos e o que queremos (MARCHESI, 2008).

Desse modo, a passagem da emoção modifica o ser-no-mundo (SANTOS, 2008) e as diversas experiências emocionais criam forma e atribuem um sentido, de modo que se torna fundamento do agir, lançando olhar sobre o espaço onde se está e o que se observa (TORO, 2007).

O professor “se vê como professor quando sente-se professor”. É no campo da sensibilidade, dos sentimentos que o processo de identificação acontece. É por meio de uma avaliação subjetiva daquilo que sente e daquilo que almeja, que as certezas são visualizadas. Na busca pelo “tornar-se professor”, registram-se experimentos de uma série de emoções e sentimentos, a exemplo do medo, da insegurança, da alegria, da vergonha, do amor. São essas vivências emocionais que “marcam” a formação da identidade da pessoa-professor. Assim, compreendemos que a formação identitária docente acontece no “solo” da dimensão emocional.

## Ser professor: enlaces entre as dimensões ética e emocional na “tessitura” identitária

Sabendo que “[...] cada professor tem uma história, uma maneira própria de sentir-se no mundo” (OLIVEIRA, BERTOLO, MESCOUTO, VILHENA, 2011, p. 243), é possível vislumbrar o emaranhado de “fios” emocionais e éticos que se encontram, para juntos “tecer” a identidade pessoal e profissional do professor.

Para justificar a razão central de nossos estudos sobre as relações tecidas entre a ética, a dimensão emocional e a identidade, trazemos a ideia sobre o “ser”. Tomamos como base as contribuições de Vannuchi (2004) que ao indagar como o ser se revela, defende que, ao mesmo tempo em que este tem a sua essência única, imutável, como diria Parmênides, também é constituído pela experiência, tal como reflete Héraclito.

A noção de “ser” pode ser comparada a um barco epistêmico, cuja navegação nos remete a incontáveis portos e mares, nunca dantes navegados. Embora parte do “ser” seja feita para estar em contato com a possibilidade de mudança, uma outra parte desse mesmo ser é feita para sempre permanecer, ou seja, existe algo dentro de nós que nos é próprio e nunca muda. Por ser “o ser” essa constante complexidade, isso nos permite abarcar conceitos que se contradizem e se complementam. Dessa maneira, a minha essência mais profunda continuará intacta e não mudará, pois eu sou um “barco” único. De forma paradoxal, uma parte de quem eu sou, do meu ser, está em constante mudança, aberta aos ventos e aos movimentos.

Ao falar do ser, também falamos de valores, afinal eles se encontram no ser. Assim como é possível distinguir entre o que somos e o que não somos, também começamos a eleger que “bagagem” dentre tantas, levaremos ao longo da viagem. O que é considerado importante pelo professor? O que ele valoriza? O que aprecia? Para cada valor, existe notadamente um contra-valor. Para cada escolha, para cada “sim”, algo é renunciado nesse processo constante de escolher. É o valor que faz com que o ser descubra cada vez mais quem se é e o que carrega dentro de si, tornando essa viagem, uma jornada repleta de significados, afinal, “[...] quando alguém não enxergar valor em mais nada, a vida já não lhe apresentará sentido”. (VANNUCHI, 2004, p. 54).

Assim, ao passo que algo muda no ser professor diante das múltiplas interações, das experiências, do encontro consigo e com o outro e da forma como sente e se integra com o mundo, não há dúvidas de que algo também permanece. E o que fica é justamente aquilo que o diferencia dos demais, a forma única e intransferível de sentir as emoções e o modo como a ética alcança a essência e passa a ser também, não é ética no outro, mas a “sua” ética, marcada com o “selo” da sua identidade.

Da identidade, que define o que cada ser é o que é, em sentido geral, podemos passar para a ipseidade, que a identidade do indivíduo, o conjunto de características que definem o ente na sua singularidade. A identidade seria num primeiro momento a adequação de um ser consigo mesmo, a identidade do ser, a identidade do gênero, a identidade da espécie, enquanto a ipseidade se refere à identidade individual, do ser existente na sua singularidade, entidade incomunicável. (MAIA, 2008, p. 77).

A identidade profissional é formada pelos significados que cada professor faz da docência, “[...]considerando os seus valores, seu modo de situar-se no mundo, suas representações, suas angústias e seus anseios”. (OLIVEIRA, BERTOLO, MESCOUTO, VILHENA, 2011, p. 238). Assim, é possível compreender a identidade como um processo dinâmico repleto de discursos, experiências e emoções intersubjetivas (ZEMBYLAS, 2003).

Nóvoa (2009, p.06) auxilia na compreensão da identidade pessoal e profissional como algo relacionado, quando defende que “o professor é a pessoa, e que a pessoa é o professor”. Com isso, adentramos no modo como a dimensão ética e emocional se relacionam entre si, e

de que modo estão presentes na formação identitária docente.

Ao refletimos sobre as nossas emoções, chegamos até a esfera da ética, pois ao avaliar o que sentimos, fazemos isso com base no que julgamos, no que valoramos. Se determinado sentimento é pertinente dentro de nós, ou se percebemos as emoções que surgem dentro de nós como confortáveis ou desconfortáveis, essas percepções são estimadas com base nos valores éticos que firmamos no curso das nossas vidas. Para Solomon (2015), o estudo das emoções em relação com a ética e o autoconhecimento, “[...] não é, de modo algum, oposta a estas e pode delas beneficiar-se de infinitas maneiras”. (SOLOMON, 2015, p. 325).

Desse modo, Solomon (2015) contribui para a compreensão do possível elo existente entre as dimensões ética e emocional ao considerar que a inteligência emocional é, antes de mais nada, um imperativo ético. (SOLOMON, 2015).

Além disso, para Solomon (2015), a intensidade da emoção refere-se à força e à convicção dos nossos julgamentos internos e não apenas as sensações corporais. De modo que,

[...] a medida de intensidade [da emoção] é um julgamento ético – quão importante é a questão na vida da pessoa – e não uma amplitude fisiológica. Naturalmente, os sintomas fisiológicos da raiva geralmente serão proporcionais a estimativa de vulnerabilidade do *self* e de dano a ele, mas não são esses sintomas fisiológicos que indicam a intensidade da raiva. (SOLOMON, 2015, p. 354, grifos do autor).

Sobre este ponto de vista, a essência da emoção se traduz a partir de um imperativo ético e do engajamento do profissional com o mundo.

Esse alinhamento acontece não apenas com o mundo externo, mas com o nosso mundo interno, pois nas vivências, “[...] há fatos que não tem ressonância coletiva e se imprimiram apenas em nossa subjetividade e há fatos que embora vivenciados por outros, só repercutiram em nós” (CANDAU, 2016, p. 408). Sentimos de modo único, lembramos de modo único. Cada professor carrega consigo a possibilidade de narrar histórias sobre sua experiência profissional, que envolva alegria, entusiasmo, empatia, compaixão, justiça, vergonha, medo. Além disso, seria possível narrar sobre os dilemas éticos encontrados no percurso e em como eles tocaram a sensibilidade. Em ambos os casos, estamos falando de uma história identitária sendo “tecida”.

Assim, “[...] o outro e o si são partes do mesmo tecido social. Logo, uma identidade que se forje à margem desse entendimento exclui o outro de qualquer processo de socialização que se estabeleça, quer seja nas esferas pessoal, profissional, familiar, etc.” (MACEDO, 2018a, p. 60).

É necessário, entretanto, descobrir o “desenho” de si, ainda que seja a partir da construção do olhar desse outro, pois quando alguém diz que “somos” isto ou aquilo e não identificamos aquele traço em nossa idiossincrasia, eis aí um “desafio” de cunho ético: a proposição de iniciar o processo de individualização e diferenciação de si como ser humano. (MACEDO, 2018a, p. 51, grifos da autora).

Portanto, é um desafio ético do professor encontrar e demarcar seus contornos identitários, tanto a nível pessoal, como profissional. Afinal, se aprendemos a ser professores com nossos professores, é imprescindível que possamos encontrar o nosso próprio ser professor.

Considerando que o “tecido” humano é um só, percebemos a importância da unicidade, assim como delinea Pecotche (1996, p. 122):

Entre as tantas coisas que devem preocupar o ser humano, acha-se a de buscar a unidade dentro de si mesmo, para não se perder no labirinto de suas próprias contradições. Para tal

fim, se buscará estabelecer a união entre os pensamentos e os sentimentos, entre a razão e a consciência, visto que enquanto essa união não existir, se viverá em uma permanente contradição consigo mesmo e, em consequência, com os demais.

Nesse contexto, é possível notar a ausência dessas dimensões nas políticas públicas de formação de professores no Brasil. Desconsiderá-las é perder-se no labirinto da incongruência, já que não é possível compreender a dimensão profissional sem passar pela dimensão do ser. De tal modo, a profissão professor precisa ser embasada em uma formação docente que contemple as dimensões da ética e da sensibilidade.

### **Considerações Finais**

Ao adentrar seus espaços de trabalho, sustentado pelas “mãos do entendimento”, o professor em seu percurso profissional, na busca de seguranças, e em meio a um misto de emoções e da “reflexão ética sensível” (MACEDO, 2018b), encontra em “si” seu ponto de ancoragem para culminar a modelagem de sua imagem. Sob essas bases, os marcos teóricos, os métodos, as questões que envolvem o ensino e a aprendizagem, os erros, os acertos, dentre outras esferas do processo de profissionalização docente, forjam o seu arquétipo, estruturando, integrando e contornando a identidade do “ser” professor. Assim, consideramos essencial a discussão sobre os temas trazidos no presente artigo, visto que existem espaços epistemológicos que precisam ser preenchidos acerca da presença das dimensões ética e emocional na formação identitária do ser professor.

Em tom de “arremate”, é possível destacar os seguintes contributos evidenciados a partir do nosso “alinhavo” epistêmico:

a) A identidade está ligada a um ponto de referência. Identificar-se é dar detalhes de si, é revelar aquilo que o difere dos demais e delimita subjetivamente a tua história das outras histórias. Mesmo com narrativas próximas as nossas, nunca as mesmas linhas estarão escritas na história do outro, sendo o título da nossa história identitária, algo único. Quando apontamos a ética como uma “bússola” que orienta o percurso, compreendemos que ela continuamente está sendo “calibrada” com base no nosso “ponto de referência”, ou seja, na nossa identidade. Desse modo, é a partir da dimensão ética que avaliamos e valoramos o que está sendo escrito na nossa história identitária.

b) O “tinteiro identitário” do professor é feito de uma alquimia que une a ética e a dimensão emocional. E é com base nessas duas dimensões que ele escreve a sua história. As “linhas” que escrevemos a nossa história profissional, estão ligadas à compreensão que temos de nós mesmos, e de algum modo, da esfera dos sentimentos, das emoções, daquilo que nos toca o suficiente a ponto de compor a nossa narrativa. Entendemos a identidade como algo que muda e ao mesmo tempo está mantido, e talvez, o caminho para encontrar a linha tênue que separa aquilo que é único e imutável, daquilo que está em constante mudança, esteja na esfera da dimensão ética e da dimensão emocional.

Ao compreendemos a identidade como a formação de um “corpo” de consciência, que nos remete a forjar uma versão do profissional professor que “[...] fabrica continuamente um sistema unificado de valores, e funciona sob a forma de grelha de percepção do mundo, dando sentido do pensamento e da ação” (KAUFMANN, 2005, p. 97), percebemos a existência de um processo avaliativo. O professor avalia a si mesmo, as suas emoções e os seus valores continuamente. A cada mudança no modo como vivencia os sentimentos, a cada desafio e postura ética que adota ao longo do caminho, a identidade pessoal e profissional também vai se transformando e permanecendo.

Assim, trabalhar na docência é de algum modo “ser trabalhado”, ser “polido”, não apenas fazer, mas “ser feito” à medida que se faz. Então, cada palavra acrescentada na nossa história de vida profissional reflete nas linhas do nosso íntimo, sendo escrita na nossa identidade, naquilo que é singular e ao mesmo tempo compartilhado.

Por fim, encerramos o nosso percurso trazendo um pensamento de Solomon (2015) como desfecho ideal para “ancorar” o nosso “barco epistêmico” ao ponto de chegada: “[...] O que motiva a busca de identidade pessoal é, no fundo, uma questão ética; não apenas saber “quem sou eu”, mais igualmente buscar o Bem” (SOLOMON, 2011, p. 290). Pensar em uma ética humanista que está presente na formação da identidade, é ver o professor comprometido, antes de mais nada, com o bem. E esse comprometimento se estende até a dimensão emocional, já que as nossas experiências emocionais têm reflexos éticos, e vice-versa.

## Referências

ALCALÁ, M. T.; DEMUTH, P. B.; QUINTANA, M. P. Aproximación a los procesos de construcción de la identidad profesional docente universitaria. **Revista entramados – Educación Y Sociedad**, ano 1, n. 1, p.155-167, 2014. Disponível em: <https://fh.mdp.edu.ar/revistas/index.php/entramados/article/view/1087/1132> Acesso em: 20 de julho de 2020.

BRZEZINSKI, I. **Profissão professor: identidade e profissionalização docente**. Brasília: Plano Editora, 2002.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2016.

CIAMPA, A. C. **Psicologia social: o homem em movimento**. 8 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

DAY, C. **A Passion for Teaching**. Londres: RoutledgeFalmer, 2004.

DUBAR, C. Trajetórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 19, n. 62, p. 13-30, 1998. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73301998000100000](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73301998000100000) Acesso em: 29 junho de 2020.

DUBAR, C. **A crise das identidades: a interpretação de uma mutação**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

DUBAR, Claude. **A Socialização: construção das identidades sociais e profissionais** Porto: Porto Editora, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HARGREAVES, A. The emotional Practice of Teaching. **Teaching and Teacher Education**, Toronto, v. 14, n. 8, p. 835-854, 1998. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com> Acesso em: 24 de janeiro de 2020.

KAUFFMAN, J. **A invenção de si: uma teoria da identidade**. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

MACEDO, S. M. F. **A formação ética profissional do pedagogo na realidade brasileira: um estudo de caso**. 2018a. 513 f. Tese (Doutoramento em Educação), Universidade de Lisboa, Lisboa, 2018a. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/40071>. Acesso em: 10 de dezembro de 2019.

MACEDO, S. M. F. **A ética, a ética profissional e a educação**. Curitiba: Editora CRV, 2018b.

MACEDO, S. M. F.; CALDAS, I. F. P.; FONTES, F. C. O. A formação ética profissional do pedagogo no espaço hospitalar. **REVASF**, v. 5, n. 9, p. 19-39, 2015. Disponível em: <http://periodicos2>.

univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/557/505 Acesso em: 10 de dezembro de 2019.

MAIA, R. D. **O Conceito de identidade na filosofia e nos atos de linguagem**. 2008. 140 f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade de São Carlos, São Carlos, 2008.

MARCHESI, A. **O bem-estar dos professores: competências, emoções e valores**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

MONEREO, C.; BADÍA, A. Los heterónimos del docente: identidad, selfs y enseñanza. *In: La Identidad en Psicología de la Educación: necesidad, utilidad y límites*. Madrid: Narcea, 2011.

NIAS, J. Thinking about Feeling: the emotions in teaching. **Cambridge Journal of Education**, Lisboa, v. 26, n. 3, p. 293306, 1996. Disponibilidade em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/0305764960260301?journalCode=cjje2> Acesso em: 10 de abril de 2020.

NÓVOA, A. Para uma formação de professores construída dentro da profissão. **Revista de Educação**, Espanha, v. 1, n. 350, p. 1-10, 2009.

NÓVOA, A. **Profissão professor**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1999.

OLIVEIRA, I, E. A.; BERTOLO, S. J. M.; MESCOUTO, J. V. S.; VILHENA, A. C. V. **A história da construção identitária de professores do ensino superior**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, número especial, p. 235-246, 2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/download/8639965/7526> Acesso em: 10 de abril de 2020.

PECOTCHE, C. B. G. **Introdução ao conhecimento logosófico**. São Paulo: Editora Logosófica, 1996.

RICOEUR, P. **Ética e moral**. Corvilhã: Lusofia:press, 1990.

SANTOS, G. J. **Pedagogia das Emoções: uma compreensão da dimensão emocional na Educação Profissional de Jovens e Adultos**. 2008. 159 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação), Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2008.

SOARES, G.; VASCONCELOS, D. P. Fazer (-se) docente: processo, experiência e alteridade. **Revista Eventos Pedagógicos**, Sinop, v. 07, n. 2, p. 798821, 2016 Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/2092/1773> Acesso em: 01 de setembro de 2020.

SOLOMON, R. C. **Fiéis às nossas emoções: o que elas realmente nos dizem**. 2 ed. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2015.

SOLOMON, R. C. **O prazer da filosofia: entre a razão e a paixão**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2010.

TORO, J.M. **As duas faces inseparáveis da educação: coração e razão**. São Paulo: Paulinas, 2007.

VANNUCHI, A. **Os grandes problemas filosóficos**. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2004.

VEIGA, I.P.A.; ARAÚJO J. C. S.; KAPUZINIAK, C. **Docência: uma construção ético-profissional**. 2. ed. Campinas: Papirus, 2008.

ZEMBLYAS, M. Interrogating “teacher identity”: emotion, resistance, and self-formation. **Teachers and Teaching** , v. 9, p. 213-238, 2003. Disponível em: [Interrogating\\_Teacher\\_Identity\\_Emotion\\_r20160208-25798-17qj03.pdf \(d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net\)](#) Acesso em: 01 de setembro de 2020.

Recebido em 28 de outubro de 2020.

Aceito em 22 de abril de 2021.